Freedom Ossulston 127
London

APPARECE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

«QUEM VAE A UMA BARRICADA PRECIZA LEVAR, ALÉM DE UMA ESPINGARDA NA MÃO, UMA IDEIA NO CEREBRO»

ANNO I — NUMERO 22

4 de novembro de 1915

Toda a correspondencia para a Caixa postal 1936, Rio de Janeiro, Brazil

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

Assignaturas

Brazil — anno. . . 5$000 — Exterior — anno. . . 7$000

Numero avulso 100 rs.

NA BARRICADA

Editada agora por um grupo especial, formado com o fim de pôr em pratica uma das resoluções da recente conferencia anarchista realizada nesta cidade, "Na Barricada" entra em nova phase, a transformar-se num periodico exclusivamente consagrado á propaganda libertaria. Por motivos diversos, essa transformação só poderá completar-se dentro de mais algumas semanas. Assim, por agora, manteremos mais ou menos a mesma feição anterior. Questão de tres ou quatro numeros...

O Grupo Editor de "Na Barricada" acaba de enviar a todos os grupos e camaradas do Brazil, cujos endereços possue, a circular abaixo:

CAMARADAS:

A recente conferencia anarchista reunida nesta cidade adoptou, sobre a questão da imprensa libertaria, esta moção:

"A conferencia, considerando que no Brazil a propaganda escripta se acha num estado deficiente por falta de publicações libertarias, recommenda aos grupos e camaradas appoiem e auxiliem, com todo o possivel esforço, pelo menos um semanario anarchista."

Varias teem sido entre nós, bem o sabeis, as tentativas para a manutenção de periodicos com publicação regular. Todas essas tentativas teem falhado, de modo que não possuimos actualmente um orgão nosso, inteiramente nosso, interprete genuino e integral das nossas aspirações, vehiculo directo da nossa influencia social, ideologica e accionadora. E porque?

Diversos, naturalmente, são os motivos que concorrem para isso. Acreditamos porém, que o principal está na falta dum prévio e serio entendimento nesse sentido. Ora, é precizamente este entendimento que pretendemos estabelecer. E passamos, sem mais delongas, a expor-vos as deliberações aqui no Rio tomadas.

Os camaradas Orlando Corrêa Lopes e João Gonçalves da Silva, numa reunião que fizemos, offereceram entregar o seu periodico «Na Barricada» a um grupo, que poderia imprimir-lhe uma feição caracteristicamente anarchista, poupando-nos assim os trabalhos e despezas iniciaes com a creação dum jornal novo. Acceitamos e constituimos immediatamente o grupo editor.

De modo que «Na Barricada», deixando de ser propriedade individual de dois camaradas, passa a ser propriedade collectiva de todos os anarchistas. Tem, portanto, que contar exclusivamente com o auxilio de cada um e de todos. Será possivel mantel-a?

Sobre a sua necessidade julgamos inutil fallar. Atravessamos um momento em que, mais que nunca, se faz sentir a nossa acção revolucionaria, a nossa palavra demolidora. E não será possivel aos anarchistas do Brazil sustentarem ao menos um semanario?

Achamos que sim, e mettemos mãos á obra, confiados na boa vontade e esforço de todos.

Como se sabe, um periodico nosso não póde viver só com o contingente da assignatura e da venda avulsa. Tem que contar em grande parte com as contribuições pessoaes e collectivas; subscripções voluntarias, festivaes, donativos, sorteios, etc., esses os meios a empregar afim de sustentar a folha.

Camaradas:

Esperamos que não poupareis esforços e boa vontade em beneficio de «Na Barricada», que tencionamos completar e apurar, tornando-a um semanario capaz de satisfazer as necessidades da nossa propaganda pelo jornal.

Para que a publicação de «Na Barricada» se mantenha regular e ininterrupta, é necessario:

1º *que tenha o maior numero possivel de assignaturas pagas adeantadamente;*

2 *que os seus agentes e pacoteiros liquidem periodicamente as suas contas;*

3º *que se formem grupos contribuintes certos;*

4º *que em seu beneficio se organizem festivaes, tombolas, etc.;*

5º *que seja amplamente divulgada por todo o paiz, com especialidade entre as classes trabalhadoras.*

Saiba e queira cada um de nós despender o seu contingente pessoal de esforço em pról do jornal, e este terá a sua publicação assegurada e efficiente.

A isto nós estamos decididos. Contamos poder esperar o vosso appoio no mesmo sentido.

Cordeaes saudações

Alejandro Alba, Antonio de Oliveira, Antonio F. Vieytes, Antonio P. Cardoso, Antonio Pereira, Antonio R. Maçãs, Arlindo Drumond, Astrojildo Pereira, Ferdinando Aló, Francisco Abranches, Francisco Viotti, José Alves Diniz, José Caiazzo, José da Costa Pimenta, José Elias da Silva, Luiz A. Lourenço, Luiz Gonzaga, Manuel Campos, Maximiano de Macedo, Myer Feldman, Moreira Busto, Pedro Bischoff, Raymundo Rodrigues, Santos Barboza

AVISO — Toda a correspondencia destinada a «Na Barricada» deve ser endereçada para a *Caixa postal 1936, Rio de Janeiro*. O envio de valores unicamente em nome de *Manuel Campos*, administrador do semanario.

A lição da gréve

Com ser um movimento desastrado, a gréve de vehiculos, de chauffeurs, foi uma lição exemplar. Quando, em julho ultimo, se preparava a grève do pessoal de padarias e cafés, hoteis, etc., os chauffeurs, num gesto de solidariedade que enthusiasmou grandemente aos que iam lançar-se no embate paredista, declaravam-se promptos a adherir ao movimento, dando-lhe mais extensão e mais força, e aproveitando-se, por sua vez, para ajustar contas pendentes com a policia. Partiu mesmo dos chauffeurs a proposta, immediatamente acceita pelas outras classes, segundo a qual nenhuma dessas classes, mesmo quando resolvido o seu conflicto particular, voltaria ao trabalho só, sustentando de maneira tal as duas outras.

E rebentou a grève. Evidentemente, muito parcial era a parede por parte quer dos empregados em padarias, quer dos empregados em hoteis, cafés, etc. A dos chauffeurs, ao contrario, era geral, não circulando nenhum automovel.

Manifestou-se, desde logo, a diversidade dos methodos de acção de cada uma dessas classes.

A minoria activa dos padeiros e dos empregados em hoteis, etc., entrou em campanha com uma energia talvez nunca vista no Rio. Roncou o pau, zuniram balas, estouraram bombas... A massa compacta dos chauffeurs seguiu outro caminho. Legalista e pacifica, entregou-se aos braços do primeiro politicante que lhe appareceu e entrou em accordo amigavel com as autoridades. E, resolvido o seu caso, suspendeu a grève, completamente esquecida do protesto de solidariedade firmado.

Menos de quatro mezes se passaram. A solução pacifica então dada ao conflicto não adiantou absolutamente nada: e voltaram os chauffeurs á grève..

Os factos são de hontem, para que os recordemos. A parede, que se annunciava geral para todos os vehiculos, foi furada pela policia, empenhada na defeza dos poderosos cofres da Light. Commetteram-se todas as illegalidades, e mais algumas. O proprio sr. 1º delegado auxiliar chegou a declarar abertamente não se importar com a lei: agia como bem entendia... E a grève foi um desastre.

Não só um desastre: uma lição exemplar. Gréve pacifica é gréve por si mesma perdida. Grève absurda. O grévista é um homem fóra da lei e consequentemente deve agir fóra da lei, atacando de rijo, directamente, o adversario, pracurando feril-o no que elle tem de mais sagrado: a sagrada propriedade. Gréve é combate de guerra social. Guerra de tendencia revolucionaria. Ensaio de expropriação...

AURELINIO CORVO

Rapida

Pobres meninos; parece que os estou vendo na barca «Setima» no momento de se ir a pique. Educados pelos padres salezianos, não aprenderam outra coisa que não fosse rezar, desconhecendo esse exercicio physico tão hygienico e necessario como o é a natação, e assim os vemos no momento do perigo, não se preoccuparem com sua salvação; ajoelhados sobre a coberta, com as mãosinhas levantadas, pronunciando orações, pedindo ao deus das alturas que fizesse um milagre; e o bom deus fez-se surdo ás suas supplicas.

Pobres meninos; na idade em que tudo deve ser alegria, liberdade e regosijo, estes meninos educados nos collegios diridos por frades, têm sempre que estar com os olhares dirigidos para o chão em uma ferrea attitude de disciplina, e nessa idade em que outros meninos com seus risos infantis, seus brinquedos, suas maldades mesmas que são o encanto da vida, estes meninos com uma educação clerical já lhes ensinam a ser hypocritas, a fingir, a dobrar-se e até renunciar a vida.

E chega um momento de perigo, como o occorrido estes dias na barca «Setima» e vede-os que se não fiam nas proprias forças, confiando no *deus todo poderoso*, e o deus que tanto chamam não apparece, e das alturas lança um sorriso sarcastico, olhando impavido aquellas cabecinhas que flutuam sobre as aguas; não importa que sejam seus filhos predilectos e que cantem hymnos em seu louvor; tambem lá nos campos da Europa morrem aos milhares seus mais queridos filhos e talvez dirá como o poeta: «Que hajaum cadaver mais, que importa ao mundo?».

Pobres meninos!

ANTONIO F. VIEYTES

NOTA Á MARGEM

...devem recusar toda renda e toda propriedade...
Regra da companhia de Jesus.

Já uma vez a alguem que me interpellou sobre o caso, perguntando *se eu contava que o homem attingisse o grão de perfeição compativel com essa vida tão ardentemente sonhada*, respondi que se tal não esperasse não tomaria tão a serio as theorias que defendo, pois o faço sinceramente e convictamente e não *pour épater le bourgeois*, ou para fazer praça de revolucionario e adepto de credos exquisitos e que parecem novos a quem não os estuda.

Quem se dedica seriamente a estudos historicos e sociologicos deve saber que *a continuidade e a subordinação a leis sociaes* são phrases, pois a historia é discontinua, até a que é contada pelos chronistas suspeitos e pelos que fazem della o conceito de Carlyle, isto é, historia dos Heróes.

A fatalidade das leis sociaes!. . Todas as leis, exceptuadas as mathematicas, são condicionaes, pois prevêm que os phenomenos se darão nesse ou naquelle sentido *se* taes ou taes condições se derem.

Que a organização social em forma *communal* não è extranha á sequencia historica dos povos, provam a vida communista dos Esquimáus, as cidades communaes da Idade Media, as innumeras confrarias e communidades religiosas, mutualidades, trusts existentes em todos os paizes, etc.

Os Jesuitas, os Benedictinos, os Franciscanos vivem em communidades em que todos os bens são communs, e os membros das associações têm direito ao goso de tudo conforme suas necessidades, contribuindo para o bem commum com o trabalho que pódem realizar, e *não violentam os de mais, tirando para si mais do que necessitam pelo prazer de fazer mal ao seu semelhante.*

Os *trusts*, as grandes companhias, as mutualidades, as cooperativas, bem como as communidades religiosas, utilizam já, dentro da actual sociedade, este desideratum.

Para todos nós, como para Pedro do Coutto, o ideal será a perfeição da maioria dos homens, a ponto de ser possivel *a vida sem choques e sem offensas aos direitos alheios*. Pois não será esse ideal digno dos enthusiasmos que desperta e um sentido elevado para a vida de um intellectual da ordem do polemista com que me atrevo a terçar armas?

Que razão seria, depois da confissão, de que o seu *idéal* seria essa perfeição que aspiramos *se possivel*, o impede de formar a nosso lado e o faz dizer que nós é que estamos de accordo com seu scepticismo e com a sua convicção da inutilidade dos esforços para melhorar o homem?

Desejaria se o reputasse possivel; mas julga impossivel jogando com *os dados de que os outros prescindem.* Um ideal, embóra julgado impossivel de realização pelos outros, é sempre um phanal na vida, uma louvavel aspiração. Que vale viver no meio dos males, sem para elles desejar um remedio, sem procurar minoral-o resignadamente soffrendo? E' preferivel apellar para outra vida sobrenatural, a ficar indifferente. Deixar de desejar a organização social perfeita, por julgal-a impossivel na hora presente, e nas condições da humanidade de hoje; deixar-se ficar onde está por ter feito jogo, a seu geito e a seu talante, de *elementos*, no seu pensar, *de que prescindiram os outros* por ignorantes ou de má fè; — è mais uma vez confessar-se satisfeito com a organização social vigente, è descrer da possibilidade de melhoria do homem e de sua crescente e harmoniosa elevação moral.

Resistem tanto á critica as concepções anarchistas que estão fazendo suar o topete ao illustre reformador para combatel-os, obrigando-o a contrapôr á organização communal, baseada na *continuidade historica* e na continuidade dos factos naturaes, uma organização de phantasia, pouco differente da sociedade actual, de que diverge nos rotulos dados aos remedios aconselhados como curadores. Todas as questões economicas e moraes foram e estão sendo abordadas pelos escriptores libertarios, com a seriedade e a probidade que os scientistas costumam empregar nos seus estudos — *não tendo sympathias pelas verdades que elucidam senão porque são verdades.* (Le Dantec), e nunca tendo sido taxados de deshonestos nos seus argumentos e na sua critica social, a mais implacavel sim, mas tambem a mais justa e a mais verdadeira. Não merecem os antagonistas de Pedro do Coutto a accusação gravemente injusta que lhes fez quando escreveu que *são olvidadas as questões que não lhes convem.* Talvez lhe pudesse, sem muito grande injustiça, ser devolvido o juizo.

Incidentemente falei da communidade de vida dos Jesuitas, que não tinham um chefe mas sim um executor das decisões do conselho supremo, chefe que era fiscalisado em suas acções e substituido pelo conselho, quando ia de encontro ás resoluções da maioria; incidentemente falei dessa organização a que o *Comtismo* presta tantas homenagens, e lembrei-me de um caso que serve para refutar a opinião de um padre amigo.

Em palestra no café, esse excellente amigo confessou que antipathisava com o socialismo libertario por consideral-o auctor de todos os regicidios e de todos os attentados contra os representantes da auctoridade. Perguntei-lhe se Ravaillac tambem era anarchista. Respondeu-me que era um precursor.

Prometti demonstrar-lhe que quasi todos os attentados attribuidos falsamente aos anarchistas, nada tinham que ver com elles. Hoje venho dizer-lhe que entre os diversos crimes attribuidos á Igreja, ou aos padres, figura exactamente o de Ravaillac.

«O Jesuita hespanhol Mariana fundando-se na theoria da soberania do povo, sustentou, em 1599, no livro *De rege*, que um principe tyrannico pòde ser deposto e atè assassinado, sobretudo se culpado de offensas á *religião*» (*I. Boehmer Os Jesuitas.*)

Chegou o auctor a elogiar Jacques Clemente, assassino de Henrique III, como uma gloria da França.

Quando pela segunda vez outro rei de França, Henrique IV, foi victima do punhal, o Parlamento de Paris persuadiu-se de que Ravaillac obedecera a ordens dos Jesuitas. E o livro de Mariana foi queimado na praça publica. Pelo modo de tirar conclusões do meu dialectico sacerdote, os Jesuitas foram precursores nos attentados, ora taxados de anarchistas. Haverá maior absurdo do que esta affirmativa?

FABIO LUZ

Rio, 28 de Outubro de 1915.

O jubileu de S. Em.a

Passei pelo palacio Episcopal. O bond em que eu viajava era um desconjuntado *caradura*, cujas molas endurecidas muito me sacrificavam a perna direita, ao rodar o *Economico*, por sobre os cruzamentos das curvas e desvios. E' que eu tenho tambem endurecidas as *molas* do joelho vizinho do esquerdo...

O *caradura* passou. Passou, mas eu pude verá vontade.

O mundo official. Politicos e militares. Patriotas e clericaes.

Bandeirolas mil a tremular *cardealescamente* o vento. Um vento atrevido, fastidioso. Vagarozo como um cardeal pançudo. Quazi indolente como um sensual frade onanista.

Aparato carnavalesco! Evohé!...

Clérigos de roupagens rubras desciam a marmorea escadaria do palacio, numa attitude plangente de sino ás Ave-Marias...

Pisavam um estreito e serafico tapete que se estendia até lá dentro ao patamar.

E os clérigos desciam. Embarcavam nos seus *coupês*. Sempre vermelhos, narigudos, caras largas, bochechudos, comicos, lastimaveis.

E a pequena onda de fiéis aglomerados ao portão sagrado, olhava, olhava, um olhar imbecil, aparvalhado, a progetar lampejos de ignorancia, chispas de uma ingenuidade boçal.

E eu lembrei-me da lenda cristã. Recordei-me do fabulozo Rabi da Judéa.

Corri o pensamento por sobre essa avalanche de famintos que por ahi vegetam.

E mais uma vez odiei...

SAINT BARB

Aviso importante

Todos os valores destinados a "Na Barricada" devem ser endereçados exclusivamente em nome de Manuel Campos, *administrador do semanario, e para a* Caixa postal 1936, Rio de Janeiro.

Operarios! diffundi e auxiliae "Na Barricada": este é o vosso jornal.

PAGINAS DE DOUTRINA

SOBRE O INDIVIDUALISMO

O extincto mensario "A Vida" tinha começado a publicar, em traducção, o interessante trabalho de Pierrot "Sobre o individualismo", interrompendo-o com a interrupção da sua propria publicação. Achamos de bom aviso continuar os tres capitulos que ficaram por publicar. Assim em seguimento aos que sahiram em "A Vida", damos hoje o terceiro capitulo da referida brochura.

A SOLIDARIEDADE:

O SINDICATO

A libertação economica só se pode fazer pela expropriação. Não se mudará nada nas condições atuais por ensaios de associação (de producção) se os capitalistas deteem os meios de producção. (1)

A revolta individual contra o meio economico sendo impossivel, os individuos de ha muito teem sido levados a se associarem para a revolta colectiva.

Sempre os que sofrem em consequencia de uma mesma causa teem procurado unir-se contra este sofrimento.

A organisação mecanica da producção sob a forma de grandes officinas e de vastas usinas favoreceu a revolta colectiva.

A parada combinanada do trabalho, isto é, a greve, é a forma moderna da revolta operaria. O movimento sindical nasceu da necessidade de resistir, em conjuncto, á exploração patronal.

Os operarios fazem pela revolta a aprendizagem da solariedade, uma solidariedade de interesses. Outr'ora, esta solidariedade era bastante estreita; era limitada entre os membros da mesma corporação. Não ha ainda muito tempo, e se encontrariam ainda exemplos, ella era limitada entre os membros de uma mesma corporação: os typographos desprezavam os operarios das outras corporações menos favorecidas; e todo mundo se lembra das divisões de casta que existiam ha pouco tempo entre os operarios das diferentes categorias da construcção civil.

Hoje a solidariedade tende a se tornar mais ampla; os sindicados se sentem solidarios aos outros sindicados, sem distincção de categorias ou de officios. Mas a solidariedade para aí; um operario não sindicado é para um bom sindicalista um ser desprezivel a quem se tem o direito de impedir de trabalhar, mesmo em tempo normal, e ao qual se fez caça com...

. . . .

Notai que não falo dos criminosos despreziveis criados do potronato. Mas nem todos os não sindicados são criminosos e nem sempre são os ultimos a se revoltarem contra o patrão (2). Entretanto, mesmo grevistas, nem sempre têm direito aos soccorros de seus eguaes — «Então onde estaria a vantagem de ser sindicado?» disse-me um secretario de federação, quando eu lhe falava de um exemplo semelhante que se tinha produzido na greve de Faugères.

A solidariedade sindical, mais ampla do que a antiga solidariedade corporativa, não é uma solidariedade humana. A organisação syndical tende a açambarcar o mercado do trabalho para deter monopolio d'elle, em proveito exclusivo dos membros das uniões operarias; esforçam-se para conservar este monopolio com os altos salarios que a elles se ligam contra a concurrencia dos pobres diabos e dos sem trabalho. (3)

Estabelece um direito de entrada contra os recemvindos que quereriam adherir ao syndicato vitorioso e aproveitar vantagens conquistadas. Assim se estabelecem os costumes de um particularismo estreito que nos conduziria muito bem a uma nova forma de estatismo e a novos privilegios.

Assim se perde de vista o ideal de emancipação humana.

O sindicalistas só se colocam sob o ponto de vista do ventre; procuram agrupar os assalariados pela simples questão dos interesses imediatos. As questões de sentimento não os preocupam.

Concebe-se então que um operario enriquecido se desinteressará dos esforços de seus antigos camaradas. Um sindicalista (lucta de classe) não tem o direito de se indignar com isso.

Ora, quer se trate de interesse individual, quer se trate de uma solidariedade limitada a uma colectividade qualquer, é sempre uma revolta por interesse. Restricta a este ponto de vista, a lucta de interesses não satisfaz completamente nossas aspirações, porque ella pode trazer as maiores desilusões. Nós queremos satisfazer não somente nossas necessidades materiaes, mas tambem nossas necessidades moraes. Queremos viver completamente.

Nossa necessidade de desenvolvimento individual leva-nos já a uma comprehensão da solidariedade verdadeiramente humana.

Este principio de solidariedade foi bem exposto por Bakunine na passagem seguinte:

«Nenhum individuo humano póde reconhecer sua propria humanidade, nem por conseguinte a realizar na sua vida sem que a reconheça em outrem e sem que coopere em sua realização para outrem. Nenhum homem pode se emancipar sem que emancipe comsigo os homens que o cercam. *Minha liberdade é a de todo o mundo, porque só sou realmente livre, não somente em ideia, mas de facto, quando minha liberdade e meu direito acham sua confirmação na sanção, na liberdade e no direito de todos os homens, meus eguaes.*

«O que todos os outros homens são, importa-me muito porque por mais independente que me imagine ou que pareça por minha posição social, devesse ser eu Papa, Czar ou Imperador ou ministro, eu sou incessantemente o producto do que são os ultimos dentre elles; se elles são ignorantes, miseraveis, escravos, minha existencia é determinada pela sua ignorancia, sua miseria e sua escravidão.

Eu, homem esclarecido ou intelligente, por exemplo — si tal é o caso — sou estupido pela sua estupidez; eu bravo, sou o escravo de sua escravidão; eu rico, tremo deante de sua miseria; eu privilegiado, empallideço deante de sua justiça. Eu, querendo ser livre emfim, não o sou porque em torno de mim todos os homens não querem ser livres ainda, e não o querendo, tornam-se contra mim instrumentos de opressão.»

Esta solidariedade que liga todos os humanos entre si, quer queiram quer não, é ainda uma solidariedade por interesse; pois que o nosso pleno desenvolvimento economico sò é possivel com o desenvolvimento de outrem.

Acima della, ha ainda a solidariedade, uma solidariedade mais viva; é a solidariedade do sentimento, é o altruismo, são nossas aspirações pela felicidade para todos.

Não digo que a solidariedade dos sentimentos não exista na solidariedade de interesses. Os sentimentos teem mesmo a maior parte no movimento de revolta; servem de detonante para a explosão; elles dão o impulso ás reivindicações. Aliás, não ha sómente reivindicações materiaes. Os homens pódem soffrer em sua liberdade ou em sua dignidade pessoal.

Então, a gente se revolta tambem contra o ataque dirigido á sua propria liberdade ou contra a tyrannia exercida contra um dos membros de que faz parte.

De qualquer maneira, a revolta tem por ponto de partida o soffrimento (material ou moral), o sentimento da injustiça soffrida, e, no caso de revolta collectiva, ella tem por sustentaculo o sentimento de solidariedade entre todos os membros da collectividade interessada.

Já expuz esta psychologia da revolta numa série de artigos apparecidos em *Temps Nouveaux* sob o titulo *O espirito de revolta*, e reunidos mais tarde na brochura *Syndicalismo e revolução*.

Os sentimentos são mais amplos que os interesses. Os homens indignam-se naturalmente, contra toda injustiça, mesmo se não os attinge, mesmo si não fere os interessss do grupo de que fazem parte.

Os sentimentos fazem nascer as aspirações mais generosas do homem, e o idealismo social acima dos partidos e das classes.

Mas os sentimentos se acham muitas vezes ligados e refreados pelos proprios interesses, devido a uma educação de particularismo e de espirito corporativo.

Ninguem pensa em collocar-se em pensamento no logar de outrem, para poder julgar a si mesmo. Evitam como uma fraqueza, todo impulso generoso. Só se commovem pelo que toca a corporação de que fazem parte e ficam impassivos aos soffrimentos do visinho. «Não é Syndicalismo». Não ouvistes dizer alguma vez esta phrase?

Concentram-se em torno dos interesses particulares de cada associação. Este egoismo collectivo prova simplesmente a fraqueza da collectividade.

Sob o pretexto de concentrar a força da associação, a *organização*, não a organização livre e livremente aberta, mas a organização fechada, estreita e disciplinada, se oppõe aos sentimentos naturaes que existem no coração de todo homem; ella se oppõe ao ideal. Dá aos adherentes o espirito corporativo ou o espirito de classe. A corporação restringia a solidariedade aos membros filiados.

O espirito corporativo mantinha a soliedariedade entre operarios de um mesmo officio. Enfim o espirito syndicalista limita a solidariedade aos trabalhadores syndicados.

Continúa.

CHRONICA INTERNACIONAL

Os leitores ainda devem estar lembrados da companhia argentina que nos visitou ha pouco mais de um mez. A chegada da companhia foi annunciada largamente, e o seu fim, segundo a imprensa, era o intercambio intellectual entre a Argentina e o Brazil. A companhia iria representar originaes argentinos e brazileiros, esperando-se que esta visita fosse mais tarde retribuida por uma companhia brazileira. Como sempre, tudo nos deveria unir...

A ideia mereceu o applauso geral da imprensa e dos patriotas, e por outro lado nós, os anarquistas, recebemol-a com o maior prazer, porque sabiamos não só que a companhia era realmente boa, mas que iria representar diversas peças sociaes.

A passagem da companhia por S. Paulo foi um successo, a julgar pelos telegrammas de lá enviados. Casas sempre cheias, muitos applausos, etc. Isso augmentou ainda mais a nossa anciedade de vel-a representar aqui.

Afinal chegou. Foi para o Municipal donde acabava de sahir a companhia do Titta Ruffo. A estréa foi um flasco — não quanto á representação, mas quanto ao publico. Não sei se em todo aquelle colosso do Municipal, a despeito da modicidade dos preços, havia 150 espectadores estando incluidos neste numero o pessoal *claquista* e as *caronas*! No segundo dia o numero diminuiu. No terceiro, o bilheteiro, em resposta ao meu pedido de uma entrada, disse-me que não havia espectaculo... por falta de publico.

— Então o publico aqui não frequenta o theatro? perguntou-me um amigo, que está ha pouco tempo no Rio.

— Frequenta, e muito — respondi — e a prova está no facto de dar o S. José hoje tres sessões, cada qual mais concorrida. O Recreio dá duas, e quem chegar um pouco atrazado, não encontra um só lugar vazio.

— E o que leva o S. José?

— Fórróbódó.

— Fow row !? (o meu amigo é inglez, e além de não comprehender a palavra, não podia pronuncial-a).

— Fórróbódó é o nome de uma revista. E' do genero de todas essas revistas brazileiras: mulata, guarda-nocturno, *pessoâ* da zona, poeta pernostico, pernas de coristas, musica amaxixada, requebros exagerados, attitudes e gestos obscenos, phrases de duplos sentidos, etc. E' o que o publico carioca prefere. De vez emquando apparece no cartaz outro titulo. Mas os ingredientes da nova peça são os mesmos.

— Bem, mas esses theatros só devem ser frequentados pelo Zé Povo. E as classes cultas? Não apreciam a comedia fina, o drama social?

— Qual nada! Os theatros por sessões são frequentados tanto pelo Zé Povo como pelas chamadas classes cultas. Estas ultimas só trocam a revista pelo espectaculo lyrico, e isso apenas por *snobismo*, porque não entendem patavina de opera. Ainda agora, a companhia lyrica do Municipal, com cadeiras a 28$000, cantou todas as todas as noites perante uma casa á cunha. Os assignantes das Irizas, camarotes, cadeiras, etc. iam, os cavalheiros porque é chic ir á opera, e as damas para examinarem as toilettes uma das outras. Do espectaculo pouco ou nada entendiam, mas não era preciso. Talvez os unicos apreciadores fossem os habitantes do *gallinheiro*.

* * *

Voltando á companhia argentina. Depois daquella noite, desappareceu. Ninguem mais fallou nella. Um bello dia, insurgem-se os jornaes cariocas contra certos commentarios feitos em Buenos Ayres por um dos actores que aqui esteve. Estes commentarios não podiam, naturalmente, ser agradaveis aos ouvidos dos illustres patriotas da imprensa. Dizia o actor que o povo brazileiro não sabe o que é theatro, não tem gosto artistico, e *muchas cositas más*. Era um desaforo! O Brazil, tão hospitaleiro para com os estrangeiros, ser alvo de taes calumnias! O homem era sem duvida algum despeitado, algum vaidoso que não teve a sorte de ser aqui tão applaudido quanto esperava. E por isso fustigava o Brazil e os brazileiros.

Os brazileiros são verdadeiramente interessantes. Vivem a dizer cobras e lagartos de si mesmos, mas si um estrangeiro affirmar uma decima parte do que publicam os proprios jornaes nacionaes, é um difamador. Ha pouco tempo, *A Noite*, commentando um telegramma dos Estados Unidos que communicava a vinda ao Brazil de um cidadão encarregado de estudar as condições e os habitos deste paiz, disse que iria encontrar um povo analphabeto, sem caracter, sem aspirações, emfim, degenerado. Si esse cidadão divulgasse nos Estados Unidos, não digo todas as observações d'*A Noite*, mas apenas a de que o Brazil é ainda inculto, levantar-se-ia toda a imprensa para demonstrar que era um calumniador.

Ainda ha um mez e pouce um Telles qualquer lá de Lisbôa encheu-se de dôres pelo Brazil, porque o Pinto Quartim, a proposito de theatro brazileiro, havia feito uma pallida descripção da revista nacional, no *Seculo*. E o Quartim referiu-se á *Ultima do Dudú*, original de Raul Pederneiras, que é homem de letras. Imaginem si tivesse assistido o *Fórróbódó*, *Zé Pereira*, *Chuâ*, *Braz Bocó*, e outras peças!

Ha cinco annos a companhia Emma Grammatica representou a *Casa da Boneca* para as quatro paredes de um dos nossos principaes theatros. Ha tres, Grasso teve no Municipal decepção peior do que a companhia argentina. Não comprehendendo o motivo do seu fracasso na capital do paiz, quando em S. Paulo alcançou tão grande successo, de volta de Buenos Ayres tornou a dar alguns espectaculos no S. Pedro: a decepção foi maior ainda. O motivo não era o theatro; era o publico.

O Cinema Palais teve outro dia uma concurrencia extraordinaria. Pensam que foi por causa do valor scientifico do film tirado pela expedição Rondon? Qual! Os bórórós da cidade foram attrahidos ao Palais pelos seus irmãos os nhambiquaras que na sexta parte do film appareciam vestidos de nada. Nesse dia o Carlos Gomes esteve ás moscas...

MYER

A GUERRA

OPINIÕES. DOCUMENTOS. FACTOS

Finanças de guerra

Da ultima das admiraveis chronicas que o sr. A. Amaral envia periodicamente para o «Correio da Manhã», transcrevemos os seguintes trechos, duma eloquencia que dispensa outros commentarios:

No exercicio financeiro de 1913-1914, isto é, no ultimo anno de paz, a receita e a despeza da Inglaterra equilibraram-se andando ambas por cerca de cento e noventa e oito milhões esterlinos. No momento da conflagração já tinham decorrido quatro mezes do exercicio de 1914-1915, mas oito mezes de guerra bastaram para elevar a despeza total a quinhentos e sessenta e um milhões esterlinos ao passo que a receita, apezar da taxação addicional imposta pelo sr. Lloyd George, em novembro, apenas chegava a duzentos e vinte sete milhões resultando portanto um «deficit» de trezentos e trinta e quatro milhões esterlinos.

Mas essa phase de guerra não correspondia ainda ás condições que se foram accentuando á medida que o conflicto se prolongava e que a area conflagrada se estendia, augmentando assim as responsabilidades directas e indirectas da Inglaterra. Em maio do corrente anno, o sr. Lloyd George, ao apresentar o orçamento de 1915-1916, avisou a camara que não era mais possivel calcular as despezas sobre as bases que lhe tinham servido seis mezes antes. Nessa occasião o chanceler do thesouro avaliou a receita em duzentos e sessenta e sete milhões e a despeza em um bilião cento e trinta e tres milhões esterlinos. Havia portanto um deficit previsto de oitocentos e sessenta e seis milhões.

Esses algarismos já bastariam para arrepiar os cabellos de qualquer financeiro; mas hontem a Casa dos Communs ouviu do sr. Mc Kenna coisas ainda mais assustadoras. Como o sr. Lloyd George tinha annunciado em maio, a continuação da guerra e o augmento progressivo das despezas militares tornaram necessaria uma modificação do orçamento vigente e o novo secretario das finanças apresentou agora á camara o projecto dessas alterações. Antecipando os resultados dos novos impostos e calculando a despeza provavel, o sr. Mc Kenna prevê que a receita total do exercicio será de trezentos e cinco milhões esterlinos ao passo que a despeza montará a um bilhão quinhentos e noventa milhões, havendo um deficit de um bilhão duzentos e oitenta e cinco milhões esterlinos.

Depois de delinear o plano orçamentario, o chanceller do thesouro explicou que, tomando para base de calculo a media actual das despesas de guerra, era possivel antecipar que em 31 de Março de 1916 a divida publica montasse a um total de dois bilhões e duzentos milhões esterlinos. E esses algarismos, que seriam fabulosos se não fossem infelizmente muito reaes, não representam de forma alguma o limite maximo das despezas militares e navaes. O sr. Mc Kenna varias vezes insistiu sobre a necessidade da camara não esquecer que, na opinião dos especialistas, as despezas de guerra podiam ainda subir e subir consideravelmente. Para se formar uma idéa da rapidez dessa progressão, basta dizer que em Maio o sr. Lloyd George informava a Casa dos Communs de que a marinha estava custando cento e quarenta e seis milhões por anno, o exercito seiscentos milhões e os adeantamentos feitos aos alliados duzentos milhões. Hontem o sr. Mc Kenna disse que agora cento e noventa milhões são gastos com a esquadra, setecentos e quinze milhões com o exercito e nada menos de quatrocentos e vinte e tres milhões em adeantamentos aos alliados. Esta ultima verba é interessante porque ella indica como a guerra está agindo sobre as finanças da França e da Russia, que vão ficando cada vez mais na absoluta dependencia do credito inglez.

Mas a parte mais instructiva do discurso orçamentario do sr. Mc Kenna é aquella em que o chanceller do thesouro aborda o problema do augmento da receita. Ninguem ignorava que as despezas de guerra estão attingindo proporções colossaes e ha dias o primeiro ministro já tinha annunciado que a verba diaria para o exercito e para a marinha era de cinco milhões esterlinos. Mas o que muita gente não tinha ainda percebido claramente era a enorme disparidade entre o gasto com a guerra e os recursos de receita que a taxação põe ao alcance dos governos.

O chronista expõe, neste ponto, os meios de que o governo britannico lançou mão, carregando a taxação de impostos, buscando parcellas para a receita onde quer que ellas pudessem encontrar-se. E conclue:

O governo esticou a machina da taxação até um ponto que não está muito distante do limite de resistencia, renunciou a principios economicos identificados com a prosperidade commercial da Grã-Bretanha, restringiu serviços publicos essenciaes, espalhou o descontentamento entre as massas populares, aggravando o custo da vida, e desfechou um novo golpe sobre o commercio abatido pela crise. Como resultado de tanto sacrificio, o Thesouro obterá — se porventura as previsões orçamentarias forem realizadas integralmente — a somma total de trezentos e cinco milhões esterlinos. Mesmo que o governo suspendesse todas as outras despezas publicas, fechando escolas, interrompendo todos os serviços da administração civil e reduzindo ao anno, esses trezentos e cinco milhões, consagrados exclusivamente aos departamentos militares, apenas dariam para o custeio de «sessenta e um dias de guerra». E talvez não chegassem para tanto porque a verba diaria de cinco milhões esterlinos que serviu de base ao calculo que acabo de fazer talvez seja dentro em poucas semanas insufficiente para satisfazer a voracidade insacivel do exercito. Mas façamos por hypothese uma supposição absurda. Digamos que Asquith, sir Edward Grey, Lloyd George, Mc Kenna etc., enlouquecem subitamente e juram aos seus deuses que queimarão o ultimo cartucho antes de confessarem ao mundo que esta guerra é um monstruoso esbanjamento de vidas e de riqueza que tem fatalmente de terminar por uma paz que não haja vencedores nem vencidos. Supponhamos que o gabinete inglez procura converter em polvora e bala toda a riqueza que puder ser apanhada pelo collector fiscal. Em vez de trezentos milhões esterlinos, Mc Kenna triplica a parada e arranca ao pobre contribuinte espavorido novecentos milhões. Supponhamos ainda que nessa Inglaterra tosquiada todas as funcções civis do Estado fiquem interrompidas e que os novecentos milhões sejam todos postos ao serviço dos ministerios militares.

Ainda assim o chanceller do Thesouro apenas teria obtido fundos para custear seis mezes de guerra.

Essas hypotheses absurdas e phantasticas servem para mostrar como a guerra se tornou financeiramente impossivel. A sciencia da destruição desenvolveu-se com uma rapidez incomparavelmente maior do que a sciencia da producção. Emquanto a mais completa organização industrial, dotada com os mais aperfeiçoados recursos technicos, produz riqueza na razão de um, o apparelho de guerra moderno destróe capital na razão de cinco. E se neste calculo eu fizesse entrar a somma total da riqueza directa e indirectamente destruida pela guerra, a proporção em vez de ser de um para cinco seria de um para cincoenta. Deante destes algarismos sómente um insensato se póde obstinar em negar a incompatibilidade da guerra com a civilização. A prophecia, tanta vezes feita, de que o aperfeiçoamento indefinido dos engenhos de guerra acabaria por tornar inevitavel a paz universal está cumprida. Para que a guerra pudesse ser ainda compativel com a civilização, seria preciso que a sciencia constructiva progredisse de fórma a poder produzir com a mesma intensidade creadora com que a sciencia da guerra destróe. Mas quando a nossa sciencia pacifica tiver attingido o grão de efficiencia da arte infernal da destruição, a guerra, com as suas fardas e com os seus canhões estará relegada ao plano inoffensivo dos brinquedos infantis.

A. AMARAL

Londres, 22 de Setembro de 1915.

Sorteio em beneficio de "Na Barricada"

Tendo ficado em poder do grupo editor da extincta *A Vida* a obra de Cesar Cantú *Historia Universal*, de que se havia feito uma rifa, cujo numero premiado não fôra vendido, foi a referida obra entregue ao Grupo Editor de «Na Barricada», que resolveu rifal-a de novo, em beneficio do Jornal.

Cada bilhete, com 3 numeros, custa 1$000, e o sorteio se fará pela loteria da Capital a correr no dia 20 do corrente.

VELADA DE PROPAGANDA

Em beneficio de "Na Barricada"

O Grupo Editor de "Na Barricada" organizou para o dia 20 do corrente um festival de propaganda em beneficio desta folha.

E' o seguinte programma:

1ª parte — *Conferencia por José Oiticica.*

2ª parte — *Monologos e recitativos.*

3ª parte — *Baile familiar.*

Esta velada se dará na séde do Centro Cosmopolita, ás 8.30 da noite.

E' uma excellente occasião para os amigos de "Na Barricada" demonstrarem o seu interesse pelo semanario.

Ingressos na séde da Federação Operaria, praça Tiradentes, 71.

UNIÃO DO LIVRE PENSAMENTO

Em assembléa geral ultimamente realisada deliberaram os socios da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, mudar-lhe o titulo pelo que encima estas linhas.

CONFERENCIA

Em refutação a uma conferencia realisada na séde da União, pelo prof. Vicente de Avellar, sobre o thema: *O Brasil e a crise*, realisa o camarada Manoel Campos, no mesmo local, hoje á noite, uma conferencia em refutação á do referido professor.

O Proletariado Militante

Queremos dar a esta secção o maior desenvolvimento, tornando-a quanto possivel completa e interessante.

Estão encarregados de receber artigos e noticias para *Na Barricada* os seguintes companheiros:

José A. de Castro, na S. de R. dos Trabalhadores em Trapiches e Café;

Romulo de Castro, na S. União dos Operarios Estivadores;

Manoel Coelho, no Centro de Chauffeurs;

José da Costa Pimenta, no Centro Cosmopolita; e

Santos Barbosa, na Federação Operaria do Rio de Janeiro.

AOS COMPANHEIROS

secretarios internos dos syndicatos federados e demais associações operarias, declaramos que podem enviar para esta secção tudo que diz respeito a reuniões de directoria, assembléas, etc., etc. devendo chegar os originaes a esta redacção, até segunda-feira, á noite.

ESTA PAGINA

é franca a todo o operario que nella queira collaborar.

Os originaes serão recebidos até sexta-feira, á noite.

A questão dos chauffeurs

Nos ultimos artigos publicados em "Na Barricada", subordinados a esta malfadada questão, occupamo-nos exclusivamente do dr. Léon Roussoullières, demonstrando com factos bem palpaveis as razões pelas quaes punhamos em duvida as boas intenções de S. Ex. ao expedir a circular que deu origem ao fracassado movimento grevista da semana finda.

Julgando ter visto nesses artigos mais do que o sufficiente para convencer ao menos ao dr. 1º delegado auxiliar, de que todos os seus esforços seriam inuteis, quando pretendesse confundir-nos, fazendo-nos accusações que não tivessem por base a verdade e a justiça. Devemos porém confessar que erramos ao fazer este juizo, por que ao envez do que éra licito esperar, continuamos da mesma forma a ser victimas de mesquinhas e torpes falsidades; e por este motivo somos obrigados, contra nossa vontade, a voltar de novo ao assumpto, sendo ainda o procedimento do dr. Léon o objectivo principal deste artigo.

Numa entrevista que teve um reporter do Jornal "A Rua" com o dr. delegado auxiliar num dos ultimos dias que precederam á greve, S. Ex. entre outras coisas declarou ao alludido reporter que não acreditava em semelhante greve, que os boatos alarmantes que corriam éram obra de meia duzia de descontentes, chefiadas por um delles, que chegou a ponto de falsificar firmas para pedir a convocação de uma assembléa geral na sociedade que faz parte.

Este um, no dizer do dr. delegado auxiliar falsificava firmas e desempenhava o papel preponderante de chefe da quadrilha de descontentes, se não estamos em erro, somos nós mesmos, apezar de toda a nossa repugnancia por todos os chefes, que, salvo raras excepções, acabam sempre transformando-se em verdadeiras despotas...

E como tudo isto não passa de uma mentira, inventada por velhacos mal intencionados, nós vamos relatar ao leitor a historia muito resumida desta farça para que fique sabendo que o dr. Léon Roussoullières, apezar do alto cargo de responsabilidade moral que desempenha, não prima muito por escrupuloso, na escolha dos meios de que se serve para ferir a reputação dos que se presam de ser honestos e honrados-trabalhadores.

Quando a policia do sr. dr. Aurelino Leal entendeu por bem restabelecer a perseguição que a classe dos chauffeurs do Rio de Janeiro havia soffrido no tempo do inolvidavel Francisco Labaredas, um grupo de motoristas dos mais martyrisados, não podendo mais supportar as exigencias policiaes, fez com que n'uma assembléa realizada no Centro dos Chauffeurs se approvasse a ideia de levar á pratica um protesto, afim de terminarem as arbitrariedades de que vinham sendo victimas. Desde logo ficou nomeada uma commissão para tratar do assumpto, encarregada em primeiro logar de elaborar um manifesto, convocando a classe a um comicio publico. Estas resoluções foram tenazmente combatidas por quasi todos os membros da directoria que tinha como presidente o sr. Antonio Ferreira da Costa, e como thesoureiro o sr. Gaspar Martins Moreira, os quaes não podendo pela discussão torcer a vontade das assembléas, assumiram a atitude de ditadores, passando por cima dos accordos tomados e transformando-se completamente em trahidores manifestos da Classe que representavam.

A imprensa e a policia serviram-se destes mariolas para desvirtuar as intenções dos que procuravam trabalhar em proveito da colectividade; e a acção nefasta de todos elles juntos teve como resultado não se poder realisar o comicio. Attendemos apenas a promessa falsa de um novo regulamento que até hoje ainda não appareceu, como já tivemos occasião de dizer em outro logar. Em face da traição da directoria, era natural que esta fosse destituida e nomeada uma outra que aos socios inspirasse a devida confiança; o que se pretendeu fazer immediatamente, enviando para o Centro um requerimento, asignado por 80 socios e no qual se exigia a convocação de uma assembléa pora pôr na rua toda aquella tropa. A directoria que se havia apoderado da associação como se esta fosse sua propriedade particular, estrebuchou quanto poude, n'uma lucta desesperada, afim de nutilisar os adversarios, fazendo circular um boletim cheio de falsidades, onde se dizia que os auctores do requerimento, para conseguirem 50 assignaturas, lançaram mão da mentira e do embuste, illudindo a boa fé dos socios etc. etc.

Rebuscando e forçando a memoria, não encontramos, alem deste boletim, outra coisa que podesse servir de informação ao delegado auxiliar, para affirmar categoricamente que somos falsificadores de firmas.

Agora o leitor vae saber quem eram os directores do Centro de chauffeurs a quem o dr. Léon recorreu para nos envolver n'uma torpe e criminosa calumnia. E para não nos alongarmos na descripção destes patifes, diremos apenas que estão entregues á acção da Justiça para que esta os obrigue a restituir á sociedade meia duzia de contos que roubaram, não incluindo nesta conta o que mais levaram encoberto com fantasticas despezas que não se podem comprovar por falta absoluta de documentos.

Eis pois em que se baseam as malevolas accusações que nos faz o dr. 1º delegado auxiliar, empenhado, ao que parece, em fazer-nos passar aos olhos do povo como bandido falsificador de firmas, que tanto podiam ser para conseguir uma assembléa, como para exercer a profissão de ladrão, levantando dinheiro de qualquer casa bancaria.

Pois fique sabendo o illustre cavalheiro que não somos nada disso e que até nos parece impossivel que haja traficantes tão descarados que sejam capazes de nos attribuir semelhante infamia. E para terminar, diremos ao dr. Léon Roussoullières que não perca tempo em malsinar as nossas intenções porque a nossa dignidade, com quanto não pareça, está muito além do alcance de qualquer ferrabraz.

M. COELHO

Cartas a um operario

Por desidia, por essa falta de preocupação que caracteriza a todos os de tua classe, não saberás ainda qual é tua verdadeira situação na sociedade tanto no que respeita a direitos como productor, como no que concerne a deveres na qualidade de consumidor.

O que eu me proponho fazer é precisamente isso: demonstrar-te qual é o papel que te obrigam a desempenhar e o que em realidade te corresponde.

Si consigo fazel-o comprehender, dar-me-ei por satisfeito, e se tu além de o comprehender, tratas de te interessar por tua situação e pela dos que como tu se acham lutando para que as injustiças deixem de ser taes, então minha satisfação culminará no jubilo.

*

E' difficil contemplar a grandiosidade da civilização moderna, sem que á mente acuda a figura *esqualida* e descarnada do trabalhador.

Tudo que se levanta ante nossa vista producto é de seu trabalho. As pontes gigantescas que supprimem os abismos; as fabricas onde se tecem ricas tellas; os palacios sumptuosos que ornamentam nossas fastuosas cidades; e sahindo das cidades: essas innumeras linhas ferreas que cruzam valles, perfuram montanhas e contornam colinas, que encurtam as distancias unindo as nações entre si, tudo isso não póde ser contemplado sem pensar no esforço do trabalhador, esse ser anonimo que tudo cria com seu continuo esforço e que no conceito de muitos, especialmente dos *senhores*, nada vale.

E' innegavel pois, que o verdadeiro valor social, como elemento de progresso, a maneira de uma alavanca propulsora da evolução para o futuro, tem raizes no trabalhador. E isto que é tão facil verifical-o, ignora-o o proprio trabalhador.

Pois bem, a modesta tarefa que me imponho é tendente a demonstrar que, quem tudo produz a tudo tem direito; e que não sendo assim, não gozando o productor de tudo quanto produz alguem haverá nisso interessado.

Estudarei esse "alguem" nas proximas cartas que penso dirigir-te.

Fraternalmente teu

A. MORELLI

Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches e Café.

Companheiros.

Venho, conforme prometi, em o numero passado de «Na Barricada», dizer que na delimitação de horas de trabalho, os preços dos salarios e o respeito de que nos tornamos credores, são fructo, sómente, das nossas gréves.

E' bem notorio que em 1905 os trabalhadores em trapiches e café constituiam uma phalange de homens, ou machinas, que se moviam pela vontade e capricho de outra phalange de mandões, comissarios, ensacadores, donos de carros e mais um nunca concluir de intermediarios que os faziam trabalhar dia e noite sem saber positivamente quanto ganhavam; existia, então, a maior exploração, e para corroborar o estado degradante em que se achavam os trabalhadores feitores (hoje capitães), que tomavam a si a triste missão de tirar a camisa aos seus proprios companheiros, como ultimo legado, deixado pelos primeiros, com esta classe de feitores não havia meios termos e ai! daquelles que soubessem algarismos e fizessem contas. Não mais podiam trabalhar. Os taes feitores empregavam o classico termo: «Commigo você não pode trabalhar. E' muito sabido. Só «levam» fazendo contas e aqui quem faz contas sou eu, mais ninguem».

E' claro que entre todos estes mandões e seus intermediarios, é forçoso reconhecer que, embora muito poucos, havia um redusido numero de homens de melhores sentimentos que de resto nada se faziam sentir, absorvidos como tinham que ser pelo ambiente criado por um egoismo tão grosseiro.

Tal estado de degradação moral, mental e material não podia persistir, ao menos tão descaradamente e para fazer surgir a nossa associação de resistencia em 15 de Abril de 1905, data da sua installação, um pequeno numero de companheiros fizeram uma propaganda tão intensa que em Agosto de 1906 elevou-se o numero de quotisantes a 700 e tantos, promptos e dispostos para lutar. E foi assim que a 15 do mesmo mez, se me não falha a memoria, na noite desse memoravel dia numa empolgante e vibrante assembléa geral, foi declarada a gréve geral da classe.

Nessa memoravel reunião palpitavam com violencia mais de 500 corações oprimidos, esquecendo se em tal momento do egoistico amor que dedicamos ao lar, fazel-o tão complexo que pudesse atingir a familia universal; nesses abnegados trabalhadores, não haveria raças, nacionalidades ou crédos religiosos ou politicos que os fizesse discordar, por cima disso tudo queriam mais considerações, menos horas de trabalho, maiores salarios, e mais liberdade, e assim estava a gréve declarada.

Pretender descriminar aqui o que foi o dia seguinte e todos os outros que duron a gréve, é taréfa que ultrapassa as nossas forças, o que foi um fato incontestavel.

Na manhã de 16, batalhões de cavallaria e infantaria enchiam o litoral ouvindo-se toques de cornetas e clarins, como se estivessemos em tempo de guerra.

Apezar de tudo isso os grévistas gritavam pelas ruas a plenos plumões: «Abaixo a tirania, e a exploração! Viva a gréve geral! Viva a liberdade!» e outras coisas mais e o movimento tornou-se geral na classe atingindo a mais de 20.000 o numero de grévistas.

Durante os 8 dias de luta, o choque foi tremendo, entre as duas clases,—uma organisada, que nada lhe faltava, a dos patrões, e outra que pretendia organisar-se, para opor um dique aos gananciosos que torpemente a exploravam.

Parecia que os nossos companheiros acordavam de um somno embrutecedor e encetavam uma luta que só cessaria com transformação ou abolição do systema economico actual, tal foi o caracter revolucionario que o movimento tomou.

Estamos bem certos de alguns topicos dos discursos pronunciados na assembléa geral que discutia horarios, preços de trabalho e diaria.

Havia passagens tão enthusiasmadas e cheia de boa vontade como estas diziam muitos oradores: «nós estamos bem certos que as melhorias immediatas que alcançamos, não nos empediriam de ser os explorados de sempre e que os nossos oppressores, apezar das consequencias, nos concedam, continuarão a ser os mesmos senhores e nós os eternos explorados embora mais democraticamente.»

Reconheciam por tanto esses trabalhadores, embora não as depreciassem, que toda a melhoria immediata, diminuição de horas, não lhes tiraria a condição de assalariados; suas miras portanto dirigiam-se á abolição do salariato e da propriedade privada donde derivam todas as calamidades sociaes.

Comprehendiam ao mesmo tempo que tinham que lutar contra o regimen politico economico, e não contra determinados individuos, assim como reconheciam a incompetencia da politica de qualquer côr: socialista, republicana ou monarchica.

Para resolver o problema economico que nos asfixia não temos que esperar que nos venha a liberdade doada por quem quer que seja: a liberdade não se pode, conquista-se.

Assim o comprehendiam os grevistas.

JOSE' A. DE CASTRO

O proletariado e a imprensa burgueza

No recente movimento grevista dos chauffeurs e demais conductores de vehiculos, ficou mais uma vez exhuberantemente provada a parcialidade asqueroza e vil dessa imprensa mercenaria, que canta conforme o tilintar do ouro.

Não queremos aqui assegurar tinham ou não razão absoluta os grevista; no entanto alguma razão lhes havia de assistir para que elles fossem levados a um movimento paredista.

Quer nos parecer que o regulamento da policia continha algo de prejudicial para a classe laboriosa dos conductores de vehiculos.

Mas, como dissemos acima, só pretendemos fazer resaltar a attitude infame de uma grande parte da imprensa burgueza.

Principiemos por perguntar qual foi o protesto desses jornaes, quando do attentado brutal da policia invadindo as sédes das associações em gréve, e prendendo sem mais nem menos homens do trabalho e que estavam reunidos ordeiramente?

Não foi este um attentado que fere a propria Constituição de 24 de fevereiro, a qual esses jornaes tanto dizem defender?

Poderiamos ainda demonstrar outros factos, mas não o fazemos porque já são do dominio publico.

Isto, porém, para nós que já conhecemos de sobejo o que é e o que vale essa especie de orientadoras da humanidade, já não nos causa motivos de surpreza.

Só somos conduzidos a esclarecer e mostrar factos, para que o povo, esse eterno explorado, e que paga o tostão por esses lençóes cheios de letras, as quaes só têm o objectivo de envenenar o cerebro dos trabalhadores, possa melhor ficar conhecendo qual a utilidade social dessa imprensa.

Uma vez provada como está que não podemos contar nem confiar nesses jornaes, claro se evidencia de que todos os nossos esforços devem tender para criar

e sustentar a nossa imprensa, a imprensa operaria, aquella na qual os trabalhadores possam dizer de sua justiça; aquella na qual possamos levantar o grito de revolta contra todas as iniquidades contra nós commettidas; aquella na qual nos vamos iniciando no caminho da nossa emancipação; aquella na qual conquistaremos a nossa verdadeira posição de homens que produzimos; aquella na qual poderemos conduzir a humanidade para uma época de maior felicidade e bem estar.

Urge, pois termos isto em vista...

Anacleto Bastos

Aos empregados em padarias

Tenho presente um artigo publicado pelo *Clarim* de 2 do corrente e assignado por Francisco Alvarez, Antonio de Moura, Luiz Fenelim e Augusto Alves.

Principiam os articulistas por chamarem a attenção da classe dos padeiros para os seus interesses constantemente prejudicados pelos patrões e perguntam o que devemos fazer para nos defendermos... "Associarmo-nos!» Mas dirão que a nossa associação já existe e nao lhe temos levado o nosso concurso!

Eis o erro. Os que assim fallam são uns verdadeiros judas.

O que aconteceu ultimamente por occasião da declaração da gréve na Liga? Todos queriam o movimento. Os que enchiam literalmente a nossa séde foram unanimes em declarar a parede... e apenas uma minoria abandonou o trabalho.

Dizem mais: A associação occupa-se mais com as questões geraes do operariado do que comsigo propria. Se querem o nosso concurso que sejam mais praticos.

Ora eu poderei provar que a associação tem seguido ultimamente uma bôa orientação.

Venham, pois, cooperar comnosco afim de que unidos e fortes nos possamos impor aos caprichos dos nossos exploradores.

Emquanto os trabalhadores não fizeram tudo pelas suas proprias mãos tudo que lhes diz respeito nada conseguirão.

Mesmo a lei não sendo imposta pelos trabalhadores será sempre uma burla.

Portanto é do concurso do operariado que nós precisamos.

ANTONIO VALVERDE

N. R.—Em qualquer caso a lei é sempre um mal, uma burla, além de ir de encontro á luta pela acção direita do operariado, isto é, ao meio pelo qual se estabelece a luta entre o capitalismo e o trabalho sem intervenção de terceiros.

Carta aberta aos proprietarios de padarias do Rio de Janeiro

Dirijo-me a vós, meus carissimos inimigos, para vos perguntar que motivo tendes para tanto odiar aquelles que vos abarrotam os cofres de oiro.

Sim; porque nunca mostrastes outra coisa, e mais uma vez o provaes, na vossa filha dilecta, a celebre moção que enviastes ao Conselho Municipal, pedindo as doze horas intercaladas. Sophismaes de uma maneira infame e miseravel. Qual seria o cerebro por mais insignificante que teria a concepção de tal monstruosidade?

Só mesmo na *caximonia* de um proprietario de padaria se alojaria semelhante cousa.

Qual a fórma de conceber essas horas intercaladas?

E se o Conselho Municipal aprovasse taes horas intercalladas, pensam os srs. proprietarios de padarias que nos sujeitariamos a semelhante absurdo?

Não! Jamais! Os empregados em padarias já não são os submissos carneiros que os srs. estavam acostumados a tosquear.

Nós, todos os trabalhadores, chegamos á conclusão de que sendo nós os unicos factores da riqueza social queremos que uma parcella dessa mesma riqueza nos toque, ao menos para que tenhamos mais um pouco de conforto do que até aqui, pois tudo produzindo e nada temos, emquanto que vós e demais parazitas da sociedade se banqueteiam diariamente consumindo o que os trabalhadores produzem.

Além disso não queremos as doze horas intercaladas porque não queremos que succeda como até agora, que é estarmos 17 e 18 horas ás vossas ordens sem termos tempo para as mais elementares necessidades physicas a moraes.

Não, queremos o tempo necessario para estarmos algumas horas junto á nossa familia; e nos instruirmos, frequentarmos diversões, ou estarmos onde melhor nos aprouver.

Desta fórma estaria sempre ao vosso dispor

Antonio Valverde

S. U. dos O. Estivadores

No primeiro artigo que escrevi em *Na Barricada* terminei lembrando aos companheiros que têm conhecimento do movimento operario, que peza sobre nós mais responsabilidade do que aquelles que não têm o referido conhecimento, porque sendo nós conhecedores do meio a empregar para melhorar as nossas necessidades não empregamos os esforços precisos e prova temol-a em doze annos de organização unicamente com as primeiras melhorias conquistadas.

O que é necessario fazer é propaganda doutrinaria afim de que cada companheiro tenha conhecimento da parte que lhe toca no banquete da vida e, convictos exijirmos um pouco do que nos tóca na qualidade de seres humanos que somos.

Uma vez que todos se saibam conduzir já não haverá impecilho que se antepouha á nossa marcha, não só interna como externamente, desapparecendo até o que nós chamamos leis, mas para chegarmos a estas condições de liberdade é precizo saber adquiril-a.

Companheiros: eu queria que estas palavras aqui escriptas echoassem no nosso cerebro, no nosso coração, para soar a hora em que todos nós a uma voz dissessemos: «Não precizamos de leis, autoridade nem dirigentes».

Mas, infelizmente, tudo isso nos passa despercebido, porque só cogitamos do que só nos pode corromper:

Ha poucos dias realizou-se um conselho em que infelizmente tiveram de ser julgados por infração ás nossas leis.

Pergunto eu: «Se tivessemos conhecimento do modo com que deveriamos agir, seria precizo esse conselho para nos julgar?»

De certo que não.

E o que temos a fazer para sanear este mal?

Instruir-nos e conscios dos nossos direitos exigil-os, e tambem cumprir com os nossos deveres.

R. DE CASTRO

A Prefeitura e os operarios de obras e viação

Não ha muito que o sr. prefeito diminuiu o salario dos operarios, e isto se passou sem uma pequena reclamação e assim os operarios agora receberam a recompensa do seu bello gesto de cobardia: passaram a trabalhar 20 dias por mez, com o ordenado de 3.000 e 4.000 reis, com o desconto de 3 °[, o desconto já muito velho e *cancro duro* como elles dizem.

Mas eu estou bem certo de que se os operarios tivessem reclamado esse desconto ha muito que não existia; como se tambem se opuzessem aos 550 reis que ainda ha pouco perderam que escusariam perder como tambem se reclamasse a diminuição do horario... Mas estes operarios acham difficil serem attendidos pela acção directa, e é bem provavel que com acção direita tivessem obtido o que acabam de perder. Mas os companheiros dizem que isto é por causa da guerra e portanto é inutil reclamar...

Ora o sr. prefeito não ganha 3.000 nem 4.000 reis e nem é obrigado a trabalhar 20 dias por mez, e para dizer as cousas como ellas são elle não trabalha. Portanto os operarios procurem a reinvindicação dos direitos que lhes assistem procurando organisar-se, para que um dia sejam victoriosos.

MANOEL LUIZ

REFLEXÕES

A gréve dos conductores de vehiculos que acaba de fracassar nesta cidade foi prenhe de ensinamentos para o operariado.

Os motorneiros e chauffeurs, pela sua insufficiente orientação e poucos conhecimentos dos mais rudimentares methodo de luta, deram a esse movimento, não o caracter duma gréve, — pois declararam-se os primeiros em grande parte com a *generosa* direcção da Ligth — mas o caracter de um movimento pacifico, contra a força armada organizada.

Ora um movimento levado a effeito por homens desarmados contra homens armados e municiados com a differença de não terem estes á noção do que são os deveres e direitos de um cidadão. — é um movimento de antemão perdido, momente quando os *dirigentes* aconselham a submissão, aos seus companheiros, — pois condemnam a violencia...

Eu não posso comprehender um movimento grévista que não vize trazer uma melhoria pratica qualquer, para a collectividade.

Não é verdade que a Ligth dê uma boa remuneração aos seus empregados, pois que se assim fosse, a directoria dessa empreza não poderia por certo ostentar o luxo que tão acintosamente mantem, pois que esse luxo representa a miseria extrema dos seus empregados.

Este é um verdadeiro escarneo que por uma mesquinha parte do producto do seu trabalho se sujeitam a extenuantes fadigas.

Emquanto o proletariado viver na miseria e os dirigentes das grandes emprezas na maior abundancia, esse proletariado não tem o direito de se dar por satisfeito com uma qualquer empreza ou companhia.

Que o exemplo fique pelo menos, para o operariado incauto que só poderá fazer valer os seus direitos, quando comprehender perfeitamente os methodos syndicalistas revolucionarios.

Os operarios da construcção civil devem desde já ir tratando de organisarse fortemente para que não sejam apanhados de surpresa, como por desidia propria acaba de acontecer a esser camaradas que, deixando se levar por alguns collegas ambiciosos, organisaram sociedades burocraticas, onde poderá tratar-se de tudo, menos de interesses da collectividade.

Se assim não fosse, outra teria sido a orientação desses camaradas e muito diversos os resultados obtidos.

Tendo is o em vista, devem as classes da construcção civil precaver-se desde já, agrupaneo-se em torno dos seus syndicatos, afim de que aprenda a lutar em pról da conquista de um melhor estado de cousas.

Não basta a qualquea companheiro manifestar-se sympathico aos nobres idéaes de emancipação proletaria

A sympathia é uma arma com que que se possa lutar contra a burquezia constituida e contra a auctoridade violenta, atrabiliaria.

Tambem não é com protestos platonicos de solidariedade a distancia, mas sim com o comparecimento constante nos centros de propaganda, trocando ideas crem todos os camaradas.

E' precizo acção, mas uma acção energica, racional, capaz de contrabalançar toda e qualquer acção contraria.

ABILIO LOBO.

Syndicato dos Operarios Panificadores

EXPEDIENTE

Este syndicato participa a todos os empregados internos em padaria, que nos reunimos em assembléa geral todas as quartas-feiras, ás 12 horas em ponto.

Na ultima reunião ficou approvado o officio a ser enviado ao Conselho Municipal sobre regulamentação do trabalho nas padarias.

Lançou-se tambem um protesto energico contra a acção da policia na greve dos *motorneiros* e chauffeurs, a a qual lhes invadiu as respectivas sédes, prendendo muitos grevistas, frizando bem que a policia assim procedendo é a primeira a dar o exemplo de nenhum respeito ás leis por elles mesmos feitas, principalmente sendo como dizem que o é, um grande Jurisconsulto o actual Chefe de Policia.

E não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão ás 14 horas.

"N Barricada" não é uma empreza commercial: o seu fim unico é contribuir para a emancipação do proletariado. Auxiliar a manutenção de "Na Barricada" é, pois, contribuir para a propria emancipação.

PELA PROPAGANDA

PELOTAS

Escusado é dizermos que a propaganda das nossas idéas tem se desenvolvido vantajosamente, na linda cidade sulina.

Ha na Princeza do Sul a Federação Operaria local, Theatro 1º de Maio installado na casa dos Trabalhadores (edificio proprio, vasto, confortavel); Grupo Theatral Cultura Social, Grupo Musical 18 de Março, Atheneu Racionalista, Centro Feminino de Estudos Sociaes, Nucleo Popular Pró-Paz, Curso de Musica, Escola Feminina Luiza Michel, etc.

No dia 13 do mez findo, em commemoração do 6º anniversario do fuzilamento de Ferrer, realizou-se alli um bom espectaculo de propaganda, que obedeceu ao seguinte programma: Palestra pelo companheiro Antonio Luiz da Silva: «A Licção», interessante comedia infantil pelas intelligentes irmãzinhas Anderson e «Ideal Fecundo, peça em acto e uma apotheose, allusiva á data, e original do companheiro Zemon de Almeida.

A assistencia era numerorissima e os applausos foram innumeros.

PORTO ALEGRE

Ha muita indolencia actualmente no meio avançado da capital sul-riograndense.

Algum movimento operario, bastante deficiente, e o G. D Cultura Social que, para admiração nossa levou a effeito no mez passado um espetcaculo em favor dos flagellados do norte.

Alimenta se a miseria, favorece-se o governo. unico responsavel por esses e outros males, envez de coadjuvar se a nossa propaganda de redempção humana.

BAGE'

Consta-nos que o comp. Lebindo Vieira vae fundar nesta cidade, onde reside, um semanario propagador dos nossos ideaes.

Para esta sessão do *Proletariado Militante*, pedimos o concurso dos companheiros militantes dos Estados, enviando-nos noticias, informações, etc.

BILHETINHOS

Antonio. Pelotas — Então? correspondencia vem ou não vem? Vamos dahi.

Oscar. P. Alegre—Manda-nos dizer algo do que por ahi vae, já que o Cecilio e o Polidoro se metteram nas encolhas.

Lebindo. Bagé — Aguardamos correspondencia.

Viriato. Pelotas — Escreve alguma cousa para "Na Barricada".

Corrêa. Idem —Que tal? Bôa viagem? Esperamos noticias.

Zenon. S. Jeronymo — E tú? Nada?

Paquito. Pelotas — A polemica com o Cyrineu, continua?

INGLEZAS!

(Manufacturadas especialmente para á nossa casa)

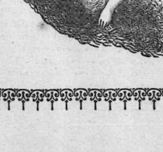
são todas as fazendas que empregamos nos ternos de casimira, a **50$, 60$ E 70$** sob medida, na **ALFAIATARIA INGLEZA**, depositaria das principaes fabricas da Inglaterra. Não confundir, as fazendas que empregamos nas roupas manucfaturadas nesta casa são garantidas.

Participamos á nossa numerosa freguezia que brevemente passamos a funccionar á rua Uruguayana 120. Attenção: continuamos a receber sempre as varias e melhores qualidades de casimiras de acreditadas fabricas inglezas.

120 -- RUA URUGUAYANA -- 120

Filial á rua Uruguayana, 146 (Entre Alfandega' e Hospicio)

Ser bella e Fascinante?!!



--Como?

--Simplesmente usando a **JUVENTUDE-ALEXANDRE**, unico restaurador dos cabellos que evita a sua quéda e a caspa.

--E quando?!!

--Já, immediatamente, compre um frasco da JUVENTUDE-ALEXANDRE, que custa apenas 3$000, e poderá ser bella e fascinar o mundo.

--E onde se vende este preparado?

— **A JUVENTUDE ALEXANDRE vende-se em todas as perfumarias e drogarias.**

24

dor, nas convulsões da miseria, na fermentação malsã dos odios, que diversidades de fortuna accarretam, que a miseria produz. Como consequencia da miseria o alcoolismo e todas as degenerações dando nascimento aos crimes e attentados de toda a ordem, E não se cuida do remedio, todos querem gosar e gosar muito. O proprio proletario, e Jorge bem o demonstrara como exemplo vivo, era burguez no fundo. No fundo a sêde de supremacia, de dominio e posse. Todos querem grandeza e poderio, todos querem explorar, dominar. Nem os proprios explorados comprehendem a igualdade fraternal. Entre elles mesmos, educados na escola burgueza, no dominio do forte, havia a tendencia constante para a riqueza, para o egoismo. O trecho de Eça de Queiroz na "correspondencia de Fradique Mendes" lhe veiu inteiro á memoria: *Nada ha a fazer. O que resta a cada um por prudencia é reunir um peculio e adquirir um rewolver; e aos seus semelhantes que lhe baterem á porta, dar, segundo as circumstancias, ou pão ou bala.*—Cruel verdade! Sentiu-se desanimado e adormeceu. Bellos sonhos de paz geral, de fraternidade universal lhe embalaram o somno.

IX

Já ia bem animada a palestra no salão do dr. Alcibiades quando Anselmo chegou. Elle fora convidado para aquella quintafeira excepcional, em que Alcibiades festejava a chegada dos paes, e os apresentava ao seu mundo.

Anselmo acercou-se de d. Eulalia, e procurou desculpar-se da falta que commettera não indo visital-a. Martha sempre doente, e a residencia distante no suburbio o tinham impedido daquelle prazer.

— O prazer seria nosso, sr. Anselmo. O sr. não conhece mais Elsa, hein? Vê? Daquelle lado junto ao consólo, vestida de branco. Lá está ella folheando aquelle album. Está moça.

— E' bem gentil.

— Não é só gentil minha filha (desculpe a immodestia), é um mimo. Não se corrompeu com os romances da moda, nem nos internatos. Sua educação foi toda em casa. Quiz ir para a Escola Normal, mas se aborreceu. Toca e canta primorosamente.

— Como conseguiu impedil-a de ler romances?

— Não sei. Nunca cuidei em prohibir-lhe taes leituras. Ella mesma quasi guiou sua educação. Depois de aprender francez e italiano para cantar, atirou-se ao estudo de Historia; e demais eu fui aos poucos descarregando nella a direcção da casa. Sahiu-se ás maravilhas. Sem necessidade aprendeu a fazer doces, cozinhar e engommar. Depois lhe veiu a mania de jardinagem; e poz a rocinha em que moravamos no Canella como um brinco. Estudou Botanica e obrigou-nos a tomar professores. E muitas risadas dei com a seriedade com que ella distinguia — monocotyledoneas de dicotyledoneas e acotyledoneas. Era uma graça. O que é certo é que é perita em enxertos e nos arranjou uma horta magnifica.

21

feiçoados de agricultura, montarei officinas, uma pequena bibliotheca, e depois...

— Depois?... perguntou Jorge curioso.

— Depois, continuou Anselmo, comtigo, tua familia e outros que se nos reunam, formaremos uma colonia de iguaes.

— Ah!...

— Trabalharemos em commum no campo e nas officinas; o producto de nosso labor será para toda a colonia; todos trabalharão e todos gosarão.

— Enriquecemos!

-- Para que riquezas? A felicidade não é um bem inestimavel? Não haverá distincção alguma entre nós, a terra será de todos, e quanto ella produzir aproveitará a todos.

— Mas não é o senhor que vae comprar a terra? Como será de todos?

— Eu farei doação á colonia da terra e de tudo o mais.

— Isso é uma caçoada. Então o sr., dono da terra, dono de tudo, podendo tirar lucro de tudo vae dar aos outros? Depois como é que a gente vae trabalhar assim sem ter um cantinho que diga — é meu? Todo o mundo querendo póde colher o que eu plantar, e mexer na minha roça, entrar na minha officina?

— E' que tu partes de um principio talso. A roça, a officina, e tudo o mais não serão teus...

— E' verdade, são seus.

— Não. São de todos. Cada um trabalhará o seu pouco na roça, na officina, na escola. Entendes?

— O sr. tambem, sr. dr. Anselmo?

— Eu, como minha mulher.

— Estás enganado. Eu nunca, gritou Martha que penetrara na sala sem ser vista, e estava encostada ao piano. E' este o castigo que me reservas, máo? Que te fiz eu para me quereres obrigar a trabalhar no campo como uma escrava, de parceria com esta gente immunda que tratas com tanta meiguice? Queres sujeitar-me a trabalhos forçados no *eito* como tua escrava, como tua galé?

— Até mais ver, sr. doutor, disse Jorge, e esgueirando-se sahiu.

Anselmo ficara absorto, e Martha chorosa se atirou a um divan. Anselmo se dirigiu então para ella, e ajoelhando-se junto ao divan tomou-lhe as mãos, e começou a fallar muito carinhoso.

— Eu procuro a felicidade para nós ambos.

— A felicidade?!! No campo? No meio destes brutos, desses inferiores de mãos callosas e roupas sujas? Todos os dias em contacto com essa gente repugnante, de caras patibulares? Não: tu queres a infelicidade para mim, emquanto te satisfazes nesse meio que parece ter sido sempre o teu.

— Não, Martha; não sejas injusta com essa pobre gente. Tu comprehendes alegrias e risos em uma bocca cujo paladar dias e dias gosa apenas o café *comprido*, e o pão negro e secco, *pão dor-*

A PEDIDO

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA, TERRESTRES E MARITIMOS — RELATORIO DA DIRECTORIA E PARECER DO CONSELHO FISCAL, — RELATIVOS AO 18º PERIODO SOCIAL, APRESENTADOS EM ASSEMBLE'A GERAL ORDINARIA DE 16 DE OUTUBRO DE 1915.

RELATORIO

Senhores mutuarios:

Notorio é que consideravelmente se aggravaram, durante a quadra decorrida entre o meu relatorio de 1914 e a actualidade, as afflictivas condições de ordem economica, financeira, industrial e mercantil, naquelle documento assignaladas.

Já então produziam as prementes circumnstancias, grande baixa em todos os negocios, especialmente nos de seguros.

Accentuou-se essa baixa no anno transcorrido.

Eis o que a respeito de assumpto escreveu, a 18 de março ultimo, uma autoridade competente e insuspeita: o dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, deputado de Minas Geraes ao Congresso Federal, "leader" da maioria governamental nesta Assemblea e individualidade do maior prestigio no nosso meio politico e social.

«Periodo de profunda e grave crise economica e financeira para todo o paiz, quer quanto a fortuna publica quer quanto á particular, esse anno, sob todos os aspectos tão agitado e cheio de apprehensões, não foi um anno feliz para as sociedades de seguros.

A depressão na ordem economica e as consequentes difficuldades financeiraas, determinaram, como tem sido de geral observação, o desanimo e a paralysação do mundo dos negocios. Tinham as sociedades de seguros, inevitavel e fatalmente de pagar tributo a tão grave situação, sobretudo quando, como é certo, ellas mesmas já soffriam de uma seria crise, qual a decorrente da assombrosa multiplicação de sociedades congeneres, muitas das quaes offerecendo concorrencia nem sempre austera e leal.

A decadencia de socios e a cessação dos contractos haviam de ser phenomenos observados em todas ellas, e, de facto, por todas se generalisaram, gerando, erradamente, embora, no espirito publico, a supposição do fracasso das instituições que operam sobre a base do mutualismo.

Tal supposição é inteiramente inteiramsnte infundada. As causas do declinio observado, mais de ordem geral do que particular, são notoriamente passageiras. Afastadas que sejam, terão de voltar á phase de grande prosperidade todas as sociedades que se houverem organisado e tiverem até agora funccionado sobre bases seguras e honestas.»

Pois bem: taes foram os esforços da administração da Equitativa e tal a solidez do seu credito, que, felizmente, só o ultimo periodo das conceituosas palavras do illustres representante da Nação se lhe póde applicar.

A differeuça da receita de um anno para outro na Equitativa quasi a nada se reduz, quando comparada, guardadas as proporções, ao decrescimo observado no orçamento geral do Brasil, no dos principaes povos e no das mais vigorosas empresas do mundo.

No Brazil, basta recordar, para comprovar as angustias da situação, os recursos extremos a que em menos de doze mezes se submetteram os poderes publicos: duas moratorias e duas copiosas emissões de papel-moeda.

A differença que na Equitativa se nota entre a receita deste anno e a do anno social transacto, é devida antes a uma expontanea suppressão de verba do que a uma diminuição de creditos.

Motivou essa suppressão o damnoso gravame que as liquidações pelo fogo e a impunidade estavam inflingindo á nossa Secção de Seguros Terrestes e Maritimos.

Foi portanto a bem dos interesses da Sociedade que a directoria e o Conselho Fiscal, por deliberação unanime, resolveram adoptar temporariamente a medida, suspendendo as operações da Secção mencionada.

Exonerou-se assim a Sociedade de graves responsabilidades e dispendios: mas deixaram de entrar 736:423$225, que a tanto montou a receita bruta da Secção em 1913 — 1914.

Deduzida da receita geral do exercicio anterior esta somma verificar-se-á que relativamente exigua se apresentou a differença em questão.

Como quer que seja, compensaram-n'a de sobejos varios factos animadores e que evidenciam, não só a incocussa firmeza, como invejavel florescimento da Equitativa,

Por exemplo:

a) Na producção global de novos negocios, verificou-se um augmento de 1.000.000$000 (mil contos de réis), comparativamente com o anno anterior;

b) Melhorou a percentagem total do custo do agenciamento;

c) Só a renda do patrimonio social cobriu largamente as despezas geraes,o que já se observou em 1914;

d) A Filial de Hespanha entrou em franca expansão, cumprindo louvar-se o esforço dos sub-directores, em materia de producção, apezar da terrivel crise resultante da guerra.

Por outro lado, em doze agitados mezes póde a equitativa, graças a energica e prudente orientação, rigorosa economia e escropuloso emprego de seus capitaes:

1º—Emprestar a seus mutuarios e a estranhos 773:406$401, a juros razoaveis, sendo que a caução das proprias apolices, de seguros (excellente applicação de reservas) em maxima parte, ou robustas hypothecas, garantiram, da melhor maneira, taes emprestimos.

2º—Augmentar o seu patrimonio em réis 556:834$830, assim discriminados:

Compra de apolices da divida publica	382:000$000
Compra de immoveis e obras	183:655$419
Hypothecas.	41:179$411
	556:834$830

Como no Relatorio passado, podemos pois, affirmar que é excepcionalmente satisfatoria e auspiciosa a situação de uma Sociedade, que, não obstante o decrescimento de uma recceita e mil difficuldades de occasião, no correr de um anno:

a) empresta cerca de 800:000$000;

b) opulenta o seu activo com perto de 200:000$000 em bens de raiz;

c) adquire titulos do Estado, no valor de mais de 300:000$000.

Mui raras emprezas poderão offerecer no presente, quadro tão lisonjeiro.

Avultam a significação e relevancia destes algarismos ao considerar-se que só em pagamento de sinistros, empregou A Equitativa, no anno social, ... 1.148:562$310, cancellando 16 apolices em Hespanha e 133 no Brazil.

Com liquidações em vida, sorteios trimestraes (continuando em vigor as apolices premiadas), resgates de apolices cauções, gastou 1.896:810$070.

Addicionando as duas parcellas:

Sinistros.	1.148:562$310
Sorteio, resgates, etc. . .	1.896:310$070
temos . . .	3:044:872$380

Por conseguinte, no desempenho de suas obrigações contractuaes e favores aos mutuarios, desembolsou num anno A Equitativa a elevada quantia de . . . . 3.044:872$380.

Desses 3 044 872$380 entregaram-se a segurados vivos 1:896:310$070. Quer isso dizer que a esses segurados vivos, forneceu-se cerca de 160:000$000 por mez, ou mais de 5:000$ por dia.

Para mais facil comprehensão, eis o quadro das sommas distribuidas aos segurados vivos:

Liquidações em vida . .	698:775$300
Sorteios trimestraes. . .	368:440$000
Resgates de apolices. . .	96:867$790
Cauções	732:226$900
Total. . .	1.896:310$770

Desde a sua installação até o balanço de junho ultimo, sahiram dos cofres da Equitativa 21.262:151$883, assim especificados:

Sinistros vida. . . .	9.239:920$504
Sinistros terrestres e maritimos. . . .	3 669:329$346
Apolices sorteadas . .	4 190:869$500
Apolices resgatadas. .	4.162:023$533
Total. .	21.262:151$883

E' esta, em synthese, a situação da «Equitativa».

Estão scientificamente calculadas em 13.646:776$880 as suas reservas technicas, isto é, os recursos necessarios para solver os seus compromissos.

Para occorrer a essa responsabilidade de 13.646:776$880, não de prompto, porém, escaladamente em dilatado prazo exigivel, possue ella, desde já, além de outros bens, os seguintes:

1º—Immoveis, quasi todos sitos nesta capital, e cuja designação vae em annexo, no valor de 3.517:044$925, dos quaes 2.240:113$592 adquiridos na minha administração;

2º—6.842 apolices da Divida Publica das quaes 6.552 compradas por mim, o que só por si representa 50 % das reservas technicas;

3º—758:923$980 applicados em escolhidos emprestimos hypothecarios;

4º—1 431:493$517 emprestados aomutuarios, mediante caução das suas proprias apolices;

5º—2.108:977$951 com banqueiros.

A somma destas verbas dá:

Apolices da Divida Publica	6.842:000$000
Immoveis	3.517:044$925
Hypothecas	758:933$980
Cauções	1.431:493$517
Bancos	2.108:977$951
Total	14.668:440$373

Havendo sido as reservas technicas orçadas em 13.646:776$880, e montando só estes haveres da «Equitativa» a 14.668:440$373, segue-se que ha em mais de mil contos de réis um excedente dos mencionados recursos sobre as responsabilidades.

Sómente de juros, alugueis, e commissões, arrecadou a sociedade, de 1º de julho de 1914 a 30 de junho de 1915, 845:745$257. As suas despezas geraes (menores que as dos exercicios antecedentes) cifraram em 801:851$996. Logo, a simples renda do patrimonio chegou para cobrir essas despezas geraes e deixar saldo. Abrangem taes despezas, como sabeis, vencimentos de numerosos funccionarios, alugueis e demais dispendios com escriptorios de agencias nos Estados, desde o Alto Amazonas até o Rio Grande do Sul, e em todo o reino da Hespanha, vasta propaganda nos dois paizes, honorarios da directoria, honorarios medicos e do conselho fiscal, despezas de correio, telegrapho e telephones, e, emfim, os cada vez mais onerosos impostos federaes, estadoaes e municipaes. Neste anno de decrescimo de creditos, equivaleram as ditas despezas a 16 % da receita geral da sociedade, comprehendendo pagamento de premios (4970:677$980), o que é bastante modico neste genero de operações.

A juro de 5 %, os 845:745$257 de receita do patrimonio correspondem a um capital de 16914:905$140, superior de réis 3 268:128$260 ás reservas technicas reaes (13 646:776$880).

Mas do que alentadores, são brilhantes, graças a Deus, attenta a angustiosa quadra que atravessamos os resultados expressos nestes algarismos. Para obtel-os, concorreu, da mais efficaz maneira, a dedicada collaboração dos meus amigos e collegas da directoria, dr. A. A. de Azevedo Sodré e Carlos Pereira Leal, bem como a do conselho fiscal, a do gerente sr. Luiz Loureiro, a do director do Departamento de Agencias do Brasil, ora em inspecção na Hespanha, commendador Eugenio da Silva Borges, a dos funccionarios e agentes.

A todos muito de coração agradeço.

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1915.

Depois de escripto o presente relatoria, adquiriu a «Equitativa» mais 200 apolices da divida publica, o que eleva a 7.042 o numero das que actualmente possue, das quaes 6.752 compradas por mim.

CONDE DE AFFONSO CELSO
Presidente

PARECER DO CONSELHO FISCAL

No cumprimento dos seus deveres, o conselho fiscal examinou as contas relativas ao exercicio social, encerrado a 30 de junho ultimo, consultando a escripturação da sociedade, e do estudo minucioso a que procedeu, chegou á conclusão que as mesmas merecem a mais completa approvação.

Verificou tambem o conselho fiscal, estudando a vida da companhia durante o mesmo periodo que se mantem a mesma prosperidade accusada nos annos anteriores, a despeito da tremenda crise que a nação atravessa:—augmentou a producção de novos seguros, tendo diminuido a percentagem do custo do agenciamento; a receita arrecadada deu para satisfazer todos os compromissos, e ainda para agmentar de 556:834$830 o pátrimonio, em apolices, bens de raiz e outros valores.

E' isso devido em grande parte á orientação cautelosa e ao espirito economico com que a digna diretoria tem sabido administrar os negocios da sociedade.

Merece menção especial a deliberação por ella tomada de suspender temporariamente as operações da secção de seguros terrestres e maritimos, que não correspondeu á espectativa, até que medidas legaes mais efficazes sejam decretadas contra segurados provadamente criminosos.

O conselho fiscal é de parecer, em conclusão, que approvadas as contas seja louvada a directoria.

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1915 — VICENTE WERNECK PEREIRA DA SILVA — DR. JOSE' F. DE SAMPAIO VIANNA — JOÃO F. BARCELLOS.

Escola Remington

Dactylographia, tachygraphia, redacção, escripturação e calculos commerciaes, linguas vivas e desenho.

Rua 7 de setembro, 67

EXPLICADOR

Linguas e diversas materias do curso Secundario e Normal.

RUA DR. CELESTINO, 56 A
NICTHEROY

ALFAIATARIA
LEAL JUNIOR

Roupas sob medida
Para homens e senhoras.

Preços modicos e a prestações

Rua do Lavradio, 28

Telephone 472 S-Central

O Professor Baçú

O VERDADEIRO PODER OCCULTO

Diplomado pelo Nacional Instituto of Sciences de Londres-Gabinete, funccionando no Rio de Janeiro desde 1910. Bastante conhecido pelos INNUMEROS BENEFICIOS PRATICADOS NO TRATAMENTO DA SAUDE E DA VIDA

TRATAMENTO PSYCHICO E MORAL

AFFIRMA COM SEGURANÇA QUE COMBATE EFFICAZMENTE TODA E QUALQUER MOLESTIA, SENDO ENORME O NUMERO DE PESSOAS CONSIDERADAS INCURAVEIS QUE FICARAM COMPLETAMENTE BOAS.

QUEREIS COMBATER E VENCER NA VIDA? E POSSUIR O SEGREDO DO EXITO E DA SORTE?

RPOCURAE OBTER JA' a Guia de Jerusalém (Sacred power of miraclous Jerusalém a guide), poderosa segurança nos passos da vida. E' proveitoso a todos homens e senhoras trazerem o seu corpo guardado com uma guia dominando o medo, por mais vivo que seja, os aborrecimentos, a dor, a colera, a timidez e as emoções de qualquer natureza. Preço 5$000. Pelo correio 6$000. A TODOS OS QUE SOFFREM DE QUALQUER MOLESTIA, pede — nome, edade, moradia e envelloppe selado para a resposta.

CONSULTAS DIARIAS DAS 9 A'S 5 HORAS DA TARDE.

379 — RUA DO RIACHUELO — 379

AO PUBLICO E AOS MEUS CLIENTES

O QUE DIZ A IMPRENSA E POVO QUE JULGUE OS BAÇÚS

Qual dos dois é o verdadeiro?

A policia mandou fechar o consultorio do "Baçú" Jorge Kelly

«O celebre caso dos "Baçús" entrou agora em uma nova phase com a intervenção energica da policia carioca.

Como se sabe, estavam em jogo os nomes do capitão honorario do exercito Leão de Aquino Balceiros e o do individuo Jorge Kelly. Ambos dizem-se conhecedores das sciencias occultas, querendo cada um delles ser o verdadeiro professor "Baçú".

Sendo o escandaloso caso divulgado pela imprensa, o 1º delegado resolveu agir, afim de apurar a veracidade da denuncia.

Abrindo rigoroso inquerito, logo em seu inicio, o dr. Leon Roussoulléres procurou colher informações sobre os precedentes dos dois "professores" em luta.

Jorge Kelly, segundo apurou a policia, tem tido uma vida toda cheia de accidentes compromettedores.

Tendo sido embarcadiço, abandonou esta profissão para verificar praça, em 1906, na Brigada Policial, isto quando commandava essa milicia o general Souza Aguiar.

Da Brigada, passou se Jorge Kelly para a casa commercial Walter Brothers, á rua da Quitanda, onde permaneceu pouco tempo.

Durante o tempo em que esteve na Brigada, serviu Jorge sob a direcção do coronel Vieira Pamplona, no serviço de installação de caixas de soccorros policiaes.

Na casa Walter Brothers desempenhava as funcções de auxiliar de installação das caixas metallicas usadas no Archivo Municipal. Dahi, foi elle dispensado por ter a casa recebido um aviso da Prefeitura prohibindo a entrada de seu empregado nas dependencias daquella repartição.

Sobre o capitão Balseiros, até agora conseguiu a policia apurar o seguinte:

Em 1891, contraindo matrimonio, foi elle para o Estado do Paraná, onde fixou residencia, ahi desempenhando, por varias vezes, cargos publicos de responsabilidades.

Durante o governo Vicente Machado, occupou elle os seguintes cargos: official maior do Congresso Estadual, 1º official da Secretaria do Interior, sendo, por essa occasião designado para exercer, em commissão, o logar de secretario particular da presidencia

Tendo feito concurso em 1890, foi o capitão Balseiros nomeado tabellião de notas e escrivão do civil, orphãos e casamentos, na comarca de S. José dos Pinhões.

Abandonando o cargo, por questões politicas, veiu para esta capital, empregando sua actividade na revisão do *Jornal do Commercio* e *Diario de Noticias*.

De 1900 a 1906 exerceu o cargo de administrador do Lyceu de Artes e Officios, onde conquistou amizades de todo o pessoal do estabelecimento, inclusive o seu actual director.

Deante das informações acima, a policia, com a maior facilidade, poderá apurar qual dos dois "Baçús" é o intrujão.

Entretanto, emquanto não fôr encerrado o inquerito, a policia mandou fechar o "escriptorio" de Jorge Kelly á rua dos Invalidos, afim de evitar que novas victimas sejam exploradas pelo ex-soldado de policia, que parece nada conhecer de sciencias occultas...»

(Editorial da *Gazeta da Tarde*, de 4 do corrente).

Para incommodos de Senhoras

A SAUDE DA MULHER

Poucas colheres allivlam
Poucos frascos curam

Flores Brancas

Incommodos da edade critica.
Regras dolorosas.
Colicas uterinas.
Inflammação do utero.
Hemorrhagias.
Suspensão.

Laboratorio Daudt & Lagunilla
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brazil

mido, como elles chamam? Comprehendes belleza e elegancia na esqualidez de um corpo mal nutrido, onde nem as regras mais comesinhas da mais rudimentar hygiene podem ser observadas?

Porque não podem? E' bôa. São porcos.

— Por impossibilidade material de tempo, por impossibilidade de meios. Se lhes não cuidam da habitação, se com o esforço muscular, se com o suor lhes roubam a luz e o ar, fornecendo-lhes cubiculos sem ventilação onde a luz do sol nunca penetra...

— E que tenho eu com isso? Sou porventura obrigada a redemir, como novo Christo, as miserias da humanidade? Faço quanto está ao meu alcance: dou esmolas todos os sabbados aos que me batem á porta, e concorro com dinheiro para todas as sociedades de caridade que conheço.

— Caridade! Dinheiro! Não nos comprehendemos, minha Martha.

— Eu bem te comprehendo. Pensas que não percebo que esses conluios com esses malfeitores e mal encarados, visam tirarme a vida e libertar-te dos laços que te ligam a mim. Pensas?

— Começa o delirio, meu Deus.

A physionomia de Martha se alterava, os olhos estavam já injectados de sangue, a bocca contorcida e bordada de espuma e largas manchas encarnadas no rosto, e nos braços. As palavras sahiam rapidas e atropeladas pelos dentes eerrados. Era um chuveiro de imprecações e de queixas. Agitando os braços, andando, ella despejava toda a acrimonia do seu despeito sobre o marido; citava factos imaginarios, dizia-se miseravelmente atraiçoada, e promettia uma desforra tremenda; a morte era pouco.

Anselmo abatido e triste se sentára ao lado esperando que serenasse aquella tempestade.

— Ahi está! Que pouco caso! Sabe que estou doente, que sou nervosa, e não me procura um lenitivo. Ai! ai!

E cahiu redondamente no chão rasgando as roupas, espumando, mordendo-se e gritando, em convulsões, em horriveis contorções.

Anselmo afflicto procurava evitar que ella se contundisse batendo nos moveis, cercava-a de almofadas, compunha-lhe a roupa, afastava-lhe as mãos, com um esforço herculeo para que se não espedaçasse com os dentes. Depois a agitação foi cedendo a fortes inhalações de ether; um espasmo acompanhado de lagrimas e de longo suspiro poz termo á crise aguda. Veiu-lhe uma somnolencia intercortada de soluços e palavras sem nexo, com estremecimentos por todo o corpo. Anselmo sentou-se á cabeceira do largo leito, em uma cadeira de balanço, e começou a velar pela enferma. Era já á noitinha. Uma lamparina com um transparente — representando a Ressurreição do Christo fitava-lhe em frente com sua luz mortiça. Elle olhava a esposa e pensava:

— De uma mãe de familia promettedora de uma prole forte e sã fizeram uma hysterica. Se fosse educada na liberdade fecunda

dos campos, habituada ao trabalho e á fadiga, seria uma esposa exemplar. Metteram-na num internato de irmãs de caridade, ensinando-lhe piano, canto, Francez, Italiano, Inglez, metteram-na nos mysticismos das communhões, nas consagrações á Maria, com uma serie enorme de canticos apaixonados e amorosos ao Coração de Jesus, e ensinaram-lhe a ter os olhos baixos perante todos, emquanto ella se viciava nos dormitorios. Fizeram-na hypocrita e caróla. Aprendera sua Martha a rezar e a interpretar a Biblia como um vigario, a bordar paramentos a ouro, a fabricar ramalhetes de pennas e lãs finas; mas não aprendera os deveres de dona de casa. Não aprendera a ser esposa e mãe, não aprendera a luctar pela vida se não conseguisse casar.

Sobre seu espirito impressionavel tivera funesta influencia a vida de reclusão e de preces; aquella vida de fingimentos e de hypocrisia, em que era preciso ser bôa e docil, zelosa pelo culto divino, apaixonada por Jesus, aspirando ser sua esposa em espirito, digna delle por palavras e obras para alcançar premios nas aulas e fitas azues, verdes ou roxas de aspirante, filha e irmã de Maria. Ahi estava a obra completa: o uso do espartilho deformando o corpo, desviando orgãos, comprimindo o ventre, produzindo a hysteria: noites perdidas em bailes e saráus, em theatros, com todas as excitações da dança, dos manjares picantes, das musicas lascivas trazendo a anemia pelo cansaço, pelo extenuamento, pelas violentas exitações nervosas. Depois de um longo periodo de reclusão, de rezas, de confissões, a vida da socicdade elegante com todos os seus vicios e toda a sua perversidade. Como se poderia constituir a familia sob os antigos moldes de respeito, de carinho e amor, quando a mulher, o principal elemento dessa felicidade não tinha a educação, o preparo e o gosto para as occupações *triviaes* do lar? Martha tinha ainda, para cumulo de sua infelicidade, preconceitos fofos de linhagem, de sangue, de titulos. Como poderia elle contar com aquelle elemento para a realisação ou para a propaganda do seu idéal de igualdade e felicidade humanas pela fraternidade?

Ali succumbido passou horas fixando a Resurreição.

Tambem *Elle* tentara redimir os males da Humanidade prégando a igualdade e o communismo; tambem *Elle* se sacrificara por aquelle ideal.

Elle era meigo e bom; *Elle* era puro como uma criança, humilde e carinhoso. Entretanto os seus seguidores, evangelisadores do bem, os prégadores da primitiva religião de paz e amor, da religião dos humildes, se fizeram reis, dominadores e ricos proprietarios. Os descendentes moraes dos pescadores dos Evangelhos tornaram-se pescadores de fortunas, parasitas consummados. De um homem extraordiaario fizeram um Deus.

Amesquinharam-no!

Tudo desviado dos seus fins nobres, grandes e humanitarios, e a Humanidade em peso, maioria esmagadora, na gehena da

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1|2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaborahy n. 45

SABBADO, 6 DE NOVEMBRO

A's 3 horas da tarde — 300 — 23.ª

100:000$000

Decimos $800 — Quintos a $800

SABBADO, 13 DE NOVEMBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 40.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

SABBADO, 20 DE NOVEMBRO

A's 3 horas da tarde — 300 — 24.ª

100:000$000

Inteiros 8$000 — Decimos $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 %.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.